

MACHADO NETO EM DOIS TEMPOS

Cláudia Albagli e Marília Muricy¹



Machado Neto: o homem.

O Professor Antônio Luís de Machado Neto faleceu na manhã do dia 17 de julho de 1977, após retornar de uma caminhada matinal, de maneira repentina, deixando uma enorme lacuna na vida acadêmica, na cultura baiana e grande sofrimento para os familiares e amigos.

Nasceu em 12 de junho de 1930, filho único, residente no bairro do Santo Antônio Além do Carmo. Não pode viver a infância de outrora, em que a rua era o primeiro espaço para o lúdico. Desde cedo sofreu com uma ascite (popularmente conhecida como barriga d'água), o que o levou a ser poupado dos esforços físicos típicos da idade e o trouxe para um outro universo igualmente fértil às crianças, o das revistas em quadrinhos e da literatura de Monteiro Lobato. Já mais tarde, na idade adulta, atribuiu-lhes a iniciação à leitura e o gosto pela vida intelectual.

Aos dezesseis anos, ingressou no Colégio da Bahia, conhecido como Central, que, à época, representava o padrão mais elevado de qualidade do ensino público estadual da Bahia. No Central, Machado Neto conhece um universo bastante diferente do conservador Colégio Marista, de onde vinha; os alunos eram levados a inquietações intelectuais e essa nova

¹ Este escrito vai a quatro mãos. Nas duas primeiras partes, relativas à biografia de Machado Neto, elaborado por professoras de gerações diferentes da Universidade Federal da Bahia. O *post scriptum*, quase um depoimento, coube a Professora Marília Muricy, que foi por muitos anos assistente de Machado Neto na Faculdade de Direito.

“liberdade” leva o adolescente Machado Neto a iniciar o seu gosto pela docência e a principiar as bases de sua vida de militância intelectual e política.

Foi também no Colégio da Bahia que participou de uma revista feita por alunos, intitulada Cadernos da Bahia. Criada em 1948, a Revista contribuiu imensamente para a crítica literária e as artes plásticas baianas, tendo como autores desse periódico, além de Machado Neto, o historiador Luiz Henrique Dias Tavares, os artistas plásticos Mário Cravo Jr., Carybé e Carlos Bastos, o advogado e crítico de cinema Walter da Silveira Júnior, entre outros notáveis nomes. Cadernos da Bahia foi publicada de 1948 a 1951, em seis edições, e deixou marca importante na formação de uma geração de pensadores que pretendiam aproximar a Bahia do espírito do Modernismo.

Todo esse período de efervescência intelectual e de amadurecimento leva o jovem Machado Neto, aos dezenove anos, a escolher o curso de direito, tendo sido classificado em primeiro lugar no vestibular. Ingresso na Faculdade de Direito, o futuro bacharel logo reconhece os movimentos estudantis existentes à época, sendo no seu segundo ano de Faculdade, em 1950, que fará as suas primeiras incursões pela sociologia e filosofia do direito. Os anos da Faculdade de Direito foram também de aprimoramento do gosto e acuidade intelectual, tendo o jovem Machado, aos vinte e um anos, sido premiado com o 1º Prêmio Nacional de Filosofia. Foi o primeiro concurso desse gênero instituído no Brasil e realizado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia. Seu trabalho, o vencedor, levara o título de “Filosofia da Filosofia”.

Ainda durante a Faculdade, participou do grupo de alunos que funda a Revista Ângulos, estando entre os autores do primeiro número com trabalho intitulado “A Ilustração”, na qual permaneceu como colaborador durante os anos subsequentes da sua vida de estudante e depois como docente.

Formou-se no ano de 1953. Após a graduação em direito, aos vinte e três anos, já casado e pai de um filho (Carlos Frederico), retorna ao Colégio da Bahia, agora concursado para a cadeira de professor assistente de filosofia, e volta a ter naquela instituição educacional a experiência da efervescência estudantil. Liga-se a um grupo de alunos denominados Geração Mapa, entre os quais estavam Glauber Rocha, Florisvaldo Mattos, Sônia Coutinho, João Ubaldo Ribeiro e outros nomes que compõem até a atualidade o rol das mentes criativas da Bahia.

Em 1958 conclui a sua formação em ciências sociais, outra área de grande interesse intelectual do Mestre. Foi também o ano do seu reingresso na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, como docente, assumindo a cadeira de Introdução ao Estudo do Direito e passando a produzir vasta obra intelectual.

No ano de 1962 é convidado para novo desafio intelectual, assumir uma cadeira na Universidade de Brasília (UNB), que trazia projeto inovador e tinha à sua frente o nome dos intelectuais Darcy Ribeiro e Paulo Freyre. Machado Neto é convidado a compor o grupo que formaria o primeiro plantel de professores daquela instituição e, para isso, muda-se para Brasília. Contudo, a sua passagem pela Capital Federal foi curta em função do clima de truculência e instabilidade que se instala na UNB com o golpe militar.

Em 1965, Machado Neto dirigia o Instituto Central de Ciências Humanas e, em função da sua posição de destaque e da sua atuação na defesa de professor injustamente excluído da instituição, foi demitido juntamente com outros quinze professores. Esse fato teve efeito cascata com carta de demissão sendo assinada por mais 210 professores em apoio aos colegas, episódio conhecido como “listão”, o qual colocou a UNB quase que acéfala em função da ausência de docentes.

Machado Neto, então já consagrado professor, retorna à sua terra natal e é logo convidado pelo Reitor Miguel Calmon a implantar Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas, que se consolida como centro formador de intelectuais e que será desde então reconhecido pela excelência do projeto e o cuidado na formação do seu corpo docente. Machado Neto permanece até o final da vida à frente da Pós-graduação.

O Professor Antônio Luís de Machado Neto manteve-se ativo e recondicionando desafios intelectuais, que eram sua fonte de alimentação. Foi aprovado em concurso para Professor Titular de Sociologia da Faculdade Filosofia e Ciências Humanas e Professor Titular de Teoria Geral do Direito da Universidade Federal da Bahia. Foi membro da Academia de Letras da Bahia, do Instituto Brasileiro de Filosofia, da Sociedade Interamericana de Filosofia e da Internationale Vereinigung fur Rechts-und Sozialphilosophie.

Preparava-se para pós-doutorado em universidade da Califórnia quando desapareceu no inverno de 1977.

Machado Neto: intelectual da interdisciplinaridade

Machado Neto deixou enorme legado intelectual. São cerca de 30 livros publicados no Brasil e exterior, mais de 100 ensaios e artigos publicados em revistas especializadas do Brasil e de vários países (França, Itália, Argentina, Venezuela, Portugal, Iugoslávia e Estados Unidos), produzidos ao longo de vinte e cinco anos de atividade. Hoje o pesquisador pode encontrar amplo material no Memorial da Universidade Federal da Bahia, que concentra repertório de manuscritos e correspondência trocadas por Machado e intelectuais do porte de Recaséns Siches, Chaim Perelman, Carlos Cossio, entre outros. Este material foi preservado pelo Centro de Estudos Machado Neto que funcionou na sala 47, 2º andar, da Faculdade de Direito, seu gabinete de trabalho como professor da Faculdade e coordenador do Mestrado de Ciências Humanas.

Uma das coisas que mais chama atenção no rol de obras produzidas pelo Mestre é a sua capacidade de transitar por diferentes áreas de conhecimento, sempre tendo como fio condutor algumas linhas filosóficas, como, por exemplo, o existencialismo e a fenomenologia.

Dois são os fatos que marcam significativamente a vida intelectual de Machado Neto: primeiro a sua incursão pela literatura, ainda quando estudante do Colégio da Bahia. Durante cerca de três anos, dedicou-se à teoria literária, crítica de arte e estética, à qual somam-se textos literários de autores nacionais e estrangeiros. Este gosto leva-o mais tarde a se dedicar à sociologia do conhecimento, escrevendo obra que pode ser considerada a primeira da área no Brasil: “Aspectos da sociologia do conhecimento: Marx e Mannheim”.

Outro ponto fundamental foi sua adesão ao existencialismo como fundamento filosófico. Ainda aos dezenove anos, assistiu palestra do escritor franco-argelino Albert Camus, que esteve na Bahia a convite da Secretaria de Educação do Estado. Camus, ainda que sob divergências, é associado ao existencialismo e Machado, quando de sua posse na Academia de Letras da Bahia, registra essa passagem do escritor pela Bahia e de como todo esse universo deixou marcas nas suas escolhas intelectuais.

É também o existencialismo que mais tarde levará o futuro Professor Machado Neto a associar-se à Teoria Ecológica do Direito, do argentino Carlos Cossio. Antes do seu encontro com a Teoria Ecológica, Machado Neto já vinha em busca de um ponto de vista que se contrapusesse ao tradicional modelo positivista normativista propagado por Kelsen. A formação sociológica do jovem Machado teimava em aceitar uma ciência do direito que situava na norma o principal elemento, mitigando a dimensão humana.

Na década de 1950, escreveu “Sociedade e Direito na Perspectiva da Razão Vital” e já revelava uma adesão ao culturalismo de Recaséns Siches, guatemalteco que exerceu sua vida intelectual no México. Por influência de Recaséns, a lógica jurídica é vista por Machado sob a perspectiva da razão vital como concebido por Ortega y Gasset. Objeto da interpretação, a norma é, ela própria, “vida humana objetivada” e interpretar um reviver sentido. Quando finalmente conhece da Teoria Ecológica, abandona a visão da norma como objeto de interpretação e passa a enxergá-la como dimensão lógica da própria existência humana e social: o direito é “conduta humana e interferência intersubjetiva”.

Machado Neto abraçaria a Teoria Ecológica e tornar-se-ia o maior propagador das ideias de Cossio no Brasil, indo além, quando se candidata em 1974 à cadeira de Professor Titular da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, com a tese “Fundamentos da Teoria Ecológica para a Teoria do Direito”. Neste memorável concurso, Machado Neto teve entre seus avaliadores Lourival Villanova, professor pernambucano e filósofo do direito, que recebeu do candidato uma resposta em verso aos questionamentos feitos para a apresentação da tese.

Vejamos um trecho da memorável resposta de Machado à Lourival Villanova:

“...A força de sua lógica
Destrói qualquer argumento
Não fosse a ecológica
Fundada com bom cimento

Pra seu “p implica q”
E todo o seu jogo lógico

Só lhe devo responder
Com meu “princípio ontológico”

Vens-me dizer – “com certeza
A norma não é juízo”
A resposta é uma beleza:
- De seu Kelsen é um prejuízo,

Pois tirando a ele a norma
Nada fica da labuta
Enquanto que Cossio informa
Que o direito é conduta

Conduta em interferência
Entre um e outro sujeito
Que é bem melhor pra ciência
Do nosso velho direito”

E assim continua Machado até responder a todas as perguntas da arguição de Lourival Villanova, mostrando domínio do tema e presença de espírito que o colocavam à altura do pernambucano admirado.

Também em relação ao egologismo, quis Machado Neto demonstrar o alcance prático da teoria oferecendo curso que chamou de Instrumentalidade da Teoria Ecológica, assistido por advogados e profissionais de várias áreas do direito. O próprio Cossio, em diversas passagens de obras suas, chama a atenção para a ampliação do campo de ação da Teoria Ecológica realizadas por Machado Neto.

Próprio das mentes inquietas, já no fim da vida, Machado Neto voltava-se a uma nova área de estudo, que era a fenomenologia-existencialista, tendo escrito o seu livro póstumo “Para uma Eidética Sociológica”. O próximo passo seria o pós-doutorado na Califórnia, sob a orientação do Professor Aaron Cicourel, para trabalhar a inter-relação entre o Interacionismo Simbólico e a Egologia, projeto abruptamente interrompido.

Conforme o parceiro intelectual e amigo Julián Marias, Machado Neto fundou, em torno de si, uma escola filosófica. Isso porque não se reduziu apenas a ser autor de livros, mas compartilhava com seus discípulos, colaboradores e amigos, os problemas reais e os caminhos para se chegar à verdade junto com eles, corpo-a-corpo. Machado pensava ante seus discípulos, quer dizer, com eles. Contagiava o pensamento deles, mostrava sua inevitabilidade e os conduzia às técnicas, ao seu uso efetivo. Ao fim de certo tempo pensavam juntos sobre a mesma coisa.

É assim que Machado permanece vivo através de seus discípulos.

Post-Scriptum

Um ano depois da morte de Machado Neto, publiquei, no Jornal A Tarde, artigo que sublinhava, como uma das suas maiores qualidades a capacidade de unir o exercício permanente do pensamento, o prazer de pensar e o desejo de comunicar ao outro aquilo que tinha por certeza, e as muitas perguntas que o inquietavam. A vida intelectual era, para ele, a vida por inteiro; muito mais que um lugar de poder, um espaço em que caminhavam juntos a responsabilidade moral de abrir-se para o mundo e o gozo constante da descoberta de um novo caminho, uma nova indagação.

Por isso Machado Neto permanece, para além de suas muitas obras, marcadas por uma erudição rara para quem viveu apenas quarenta e sete anos em tempos pré internet, quando ainda a informação deixava espaço para o conhecimento nos livros procurados com esforço, numa época de pequena produção editorial. Conhecimento que rapidamente buscava compartilhar nas infundáveis conversas com os que Julian Marias chamou de componentes de uma ESCOLA.

Lembro uma vez que Machado Neto me chamou a sua sala para ler, brilho nos olhos, passagem de um livro que havia adquirido na véspera, na linha do interacionismo simbólico, que era um dos ingredientes da sua preocupação uma eidética do social, projeto que não chegou a concluir. Invocando Ortega y Gasset, então me disse, sorridente: “intelectual não trabalha, diverte-se”. Atento às necessidades de controles procedimentais no âmbito da Academia, ele que esteve sempre entre os pioneiros da institucionalização da pesquisa na

UFBA, nunca cedeu à mediocridade burocrática. Participação em Congressos, preenchimentos de formulários eram incidentes naturais da vida universitária, nunca um meio de alimentar o currículo, priorizando quantitativos.

Dizia que escrever e publicar, expondo-se a crítica, era um ato de humildade. Mas para ele também uma festa, como o eram os concursos que fazia e para que se preparava com um misto de tensão e alegria.

Talvez a tudo isso se deva a permanência de Machado na lembrança de seus discípulos, muitos deles fora da Bahia. Só as inteligências mornas confundiam o seu entusiasmo pelas ideias com a ortodoxia do proselitismo estéril e não raro pareciam crer que o entusiasmo de Machado Neto pelo Egologismo expressava déficit de independência intelectual. Faltava-lhes o que sobrava a Machado: uma projeção do futuro da filosofia, campo em que nada é absolutamente original, impondo aos atores revelar as matrizes de onde se origina sua fala.

Machado Neto era, também nisso, um homem além do seu tempo, cuja memória e capaz de ligar gerações no mesmo propósito de homenageá-lo.

Bibliografia

Machado Neto: edição de homenagem pela passagem do primeiro ano de falecimento. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1979.

MELO, Ezilda; NEVES, Maria Helena Franca. **Anais do I Colóquio Memorial da Cultura Jurídica Bahia:** pensamento político de juristas baianos do século XX. Salvador: Paginae, 2013.

Revista Jurídica dos Formandos em Direitos da UFBA, Salvador, ano 5, v. 7, Formandos 2001.1.